

MÁQUINA DE LAVAR TEMPO

SYLVIO FRAGA

Li poemas de Manuel Bandeira pela primeira vez na escola, adolescente. Dessa época lembro da sensação de dois poemas dele, ou melhor, de duas palavras: “Pasárgada” e “beco” (de “Última canção do beco”). Dois poemas de sonho e devaneio, um pela utopia, outro pelo passado. Fui uma criança nostálgica e sonhadora, então ambos me marcaram. Agora, quando reli “Vou-me embora pra Pasárgada”, o verso “aqui não sou feliz” me saltou aos olhos, pois a partir dos 13 anos de idade não fui feliz dentro dos portões da escola. Meus pais sempre recebiam bilhetes de professor: *Sylvio não presta atenção na aula, fica sempre olhando pela janela ou dormindo*. Ler Bandeira é das poucas coisas dentro da sala de aula que lembro claramente de ter acontecido.

Hoje entendo o quão marcantes esses poemas foram para mim, mas na época o acontecimento não foi grande coisa. Eu estava muito mais preocupado em descobrir a escrita em verso do que me espantar com a escrita dos outros. Bandeira foi como um aprendizado que vem dos pais quando somos muito jovens: automático e intrínseco à convivência. Lembro que no final do ano letivo os alunos tiveram que escolher um poema para gravar em voz alta. Escolhi “Última canção do beco” e ao invés de pronunciar “bêco”, com toda confiança li “béco” (a palavra aparece várias vezes no poema). No final da leitura a professora me chamou a atenção e fiquei morrendo de raiva e vergonha. Logo eu, poeta da turma, e ainda mais lutando contra uma alfabetização em inglês.

Tempos depois, quando me deparei com o livro *Libertinagem*, meu primeiro momento de espanto com Bandeira, supus que o título fosse uma palavra inventada pelo poeta. Achei a coisa mais linda do mundo essa mistura de liberdade e sacanagem, a engrenagem da liberdade, a libertação de tudo que quer ser livre. Algo mais ou menos como o que significa a palavra. Lembro do verso de John Ashbery: “Experimentei cada coisa, apenas algumas eram imortais e livres”.

Bandeira é desses grandes artistas que perante nós preserva sempre algum mistério. Não falo do mistério necessário e inevitável da grande obra de arte, a sinapse fundamental análoga às sinapses de nossos neurônios. É a sensação de ausência por causa de um futuro inevitável e iminente. Talvez isso tenha algo a ver com a intercalação em sua obra de poemas quase naïf com poemas profundamente estranhos e audaciosos. Voltando a Ashbery (poeta tão diferente de Bandeira, mas é o que andei lendo): “Não olho para meus poemas como obras fechadas. Sinto que eles acontecem o tempo todo na minha cabeça e de vez em quando corto uma ponta”. Ele fala como autor, mas é assim que me sinto como leitor de Bandeira. Existe sempre algo se expandindo dentro dos versos que conheço bem. É claro que isso também acontece com Cabral e Drummond, por exemplo, mas a questão é que eles não moram na minha cabeça dessa mesma maneira. Algo me faz sentir que Bandeira ainda está ali dentro do livro, ajeitando os versos, depois de tomar café da manhã no belo curta-metragem de Joaquim Pedro de Andrade, *O poeta do Castelo*.

Objetivamente falando, talvez o aspecto da poesia de Bandeira mais importante para mim seja a maneira tijolo por tijolo de fazer os versos. Eu amo o Bandeira do pouco enjambement, ou de enjambement manso, que constitui boa parte de sua obra, seja de versos longos, curtos ou até de uma palavra. É uma das formas mais radicais de produzir estranheza, encantamento e mistério, pois é feito com calma e sem cortar caminhos. Cada verso exposto, sem o ralo da quebra de linha esperando no final. Isso acontece muito na poesia dele, especialmente numa situação de diálogo, como em “Namorados”, poema que hoje é mais importante para mim do que “Pasárgada” e “Beco”. Aliás, minhas tentativas com diálogo em poesia têm origem nesse poema (e em Hemingway).

Volta e meia cismo de andar com um livro do Bandeira por perto. Quantas vezes eu o coloquei na mochila ou na mala para nem sequer abri-lo! É difícil dizer por quê, mas sei que não o procuro sob os efeitos de um sentimento específico, é algo mais amplo. Sua poesia caminha entre os assuntos mais leves e os mais difíceis – às vezes no mesmo poema – com uma serenidade muito peculiar que me faz bem. É um bom contraponto a muita poesia escrita numa espiral descendente embevecida de si, poemas-ladeira e não poemas-escada. Em Bandeira

não há aflição para mostrar a aflição. Sou atraído por artistas que se aventuram constantemente pelos sentimentos mais diversos, pois a vida normalmente se apresenta desta maneira. Um riso em tempos de luto, uma dor no meio da euforia. Lembro de seu poema “O rio”:

Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas nos céus, refleti-las.
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.

Um verso muito significativo para mim é do famoso “Poética”, no livro *Libertinagem*: “Não quero mais saber do lirismo que não é libertação”. O universo deste lirismo, na minha intimidade, tem dois portões. Artistas como Bandeira e Matisse guardam uma entrada, artistas como Stravinsky e Picasso guardam a outra. É ali dentro que crio galinhas sob o pastoreio atento e amoroso de Panda, minha cadela vira-lata.